



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS/INGLÊS

**ELESSANDRA BARBOSA DE ARAÚJO CASTRO**

**O FEMININO E A NATUREZA**  
CATHERINE EARNSHAW EM *WUTHERING HEIGHTS* DE EMILE  
BRONTË

ARAGUAÍNA/TO  
2019

**ELESSANDRA BARBOSA DE ARAÚJO CASTRO**

**O FEMININO E A NATUREZA**  
CATHERINE EARNSHAW EM *WUTHERING HEIGHTS* DE EMILE  
BRONTË

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Inglesa e Literaturas, para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus.

ARAGUAÍNA/TO  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- C355f Castro, Elessandra Barbosa de Araújo.  
O Feminino e a Natureza: Catherine Earnshaw em Wuthering Heights de Emile Brontë. / Elessandra Barbosa de Araújo Castro. – Araguaína, TO, 2019.  
38 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2019.  
Orientadora : Andrea Martins Lameirão Mateus
1. Romantismo Inglês. 2. Feminino e Natureza. 3. Wuthering Heights. 4. Catherine Earnshaw. I. Título

**CDD 420**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

ELESSANDRA BARBOSA DE ARAÚJO CASTRO

### O FEMININO E A NATUREZA

CATHERINE EARNSHAW EM *WUTHERING HEIGHTS* DE EMILE  
BRONTË

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Inglesa e Literaturas, para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus, UFT (orientadora)

---

Profa. Dra. Valéria da Silva Medeiros, UFT.

---

Profa. Esp. Ana Carolina Alves de Lima Oliveira, Colégio de Aplicação de Araguaína

ARAGUAÍNA, 2019

*A natureza é o único livro que oferece um conteúdo valioso em todas as suas folhas. (Johan Goethe)*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, primeiramente a Deus por ter me dado saúde e forças pra chegar até aqui.

À minha família, especialmente, a minha mãe, Elizabete, por todo amor, incentivo e cuidado. Sem ela, eu não seria quem eu sou hoje, e por isso, eu sou eternamente grata.

Aos amigos de graduação. Em especial as garotas que compartilharam comigo momentos intensos dentro da universidade, obrigada aos demais amigos pela paciência, incentivo e compreensão nesses últimos meses.

À minha orientadora, Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus, por toda a ajuda e também por todas as conversas em sua sala onde ela, de forma descontraída, me orientou e me instruiu a fazer esse trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer a Universidade Federal Do Tocantins e a todos os professores do curso de Letras em especial aos de Língua Inglesa pela elevada qualidade do ensino oferecido.

## RESUMO

*O Morro dos Ventos Uivantes (Wuthering Heights, 1847)*, de Emily Brontë, é considerado um clássico da literatura inglesa. Este trabalho, cujo tema central é o feminino e a natureza, tem como o objetivo inicial analisar a conexão da natureza com a protagonista, Catherine Earnshaw. Primeiramente, definimos, utilizando alguns conceitos teóricos, o Romantismo; e como os elementos da natureza estão relacionados a esse movimento. Em seguida, comentamos a sociedade e os ideais vitorianos para as mulheres, aplicando estes conceitos para falar da vida das irmãs Brontë. Finalmente, comentamos o romance e sobretudo a personagem: Catherine - uma garota de natureza selvagem, suas transgressões ao ideal social feminino e, principalmente, a sua relação com a natureza e os fatos que a interligam os outros personagens. Para auxílio desta análise, foram feitas leituras a respeito do Romantismo e Natureza, e nossas principais fontes foram: *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment* de Timonthy Clark e *Aspectos da natureza no Romantismo: um recorte crítico* de Alexandre de Melo Andrade; entre outras leituras como Aidan Day e Willian Wordsworth.

**Palavras-chaves:** Natureza. Feminino na Literatura. Emily Brontë. *O Morro dos Ventos Uivantes*.

## ABSTRACT

Emily Brontë's *Wuthering Heights*, 1847, is considered a classic in English Literature. This work, focusing on the connection of nature and the female, has, as its initial objective, to analyze the connection of the concept of nature and the female protagonist, Catherine Earnshaw. Our first step was an attempt to define, through theoretical concepts, Romanticism; and show how elements of the natural world are related to the movement. Next, we comment on the Victorian ideals for women, applying these concepts to the life of the Brontë sisters. Finally, we comment the novel, with emphasis on the Catherine as a female character: a savage girl, her transgressions of the norm and, specially, he relation to nature and the facts that interconnect her to the other characters. To help us in our analysis we have consulted books on Romanticism and Nature, e our main sources were: *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment* by Timonthy Clark and *Aspectos da natureza no Romantismo: um recorte crítico* by Alexandre de Melo Andrade; among others such as Aidan Day e Willian Wordsworth.

**Key-words:** Nature. Feminine Literature. Emily Brontë. *Wuthering Heights*.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. CONTEXTO HISTÓRICO DO ROMANTISMO.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Romantismo na Inglaterra.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 Romantismo e a Natureza.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 Romantismo e Natureza na Inglaterra.....</b>	<b>14</b>
<b>2.4 Romantismo, Natureza e o Gótico na Inglaterra.....</b>	<b>15</b>
<b>3. EMILE BRONTË E A TRAJETÓRIA DA MULHER NA ERA VITORIANA.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 História da Família Brontë: Irmãs Escritoras.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 Escritoras Mulheres na Era Vitoriana.....</b>	<b>21</b>
<b>3.3 A Escolha de um Narrador Masculino.....</b>	<b>22</b>
<b>4. A NATUREZA EM O MORRO DOS VENTOS UIVANTES.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1 A Natureza e o Gótico.....</b>	<b>26</b>
<b>4.2 A natureza e os Personagens de Wuthering Heights.....</b>	<b>28</b>
<b>4.3 Catherine e a Natureza no Romantismo Inglês.....</b>	<b>30</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por finalidade analisar o papel do feminino e a natureza no Romantismo inglês a partir da leitura crítica de viés sociológico do romance: *O Morro dos Ventos Uivantes*, com título original *Wuthering Heights*, de *Emily Brontë*. O romance foi publicado em 1847 sob o pseudônimo de Ellis Bell. À luz da crítica sociológica, do contexto social e econômico, e do conhecimento produzido no momento da escrita, podemos enxergar elementos fundamentais para a análise desse romance, e de como o mesmo é "fruto de sua época". Os personagens, o enredo e outros aspectos da estrutura do romance são metáforas do conhecimento e das mudanças econômicas e sociais da primeira metade do século XIX. Um mundo rural onde as relações econômicas e sociais com Natureza são abaladas pela Revolução Industrial e o surgimento das grandes cidades.

Pode-se dizer que muitos autores ingleses românticos tinham um olhar peculiar em relação à Natureza e buscavam captar sensibilidade da beleza e a arte de cada elemento da mesma. Essa *linguagem da Natureza* era para eles a expressão do conceito segundo o qual o ser mais humanizado era aquele que vivia em harmonia com a natureza, um campo para a imaginação, com temas relacionados à morte, ao exótico, ao fantástico, à felicidade ou infelicidade no amor; ao mesmo tempo natureza protetora e natureza destruidora.

Nas últimas décadas, os diversos campos do conhecimento têm se dedicado à articulação das questões ambientais e seus objetos de conhecimento. Na literatura, o papel do feminino deu início a pesquisas nesta nova vertente da teoria literária. Assim, *O Morro dos Ventos Uivantes*, de *Emily Brontë* torna-se um texto literário apropriado para investigar a narrativa ficcional que tem como tema ou elemento fundamental a relação do homem com a natureza, e que é, ao mesmo tempo, uma obra escrita por uma autora mulher. O trabalho de conclusão de curso (dentro de seus limites metodológicos) pretende se inserir na pesquisa sobre o tema ainda muito recente no Brasil, da ligação entre estudos do meio ambiente e a literatura.

A partir de um levantamento sobre o Romantismo na literatura e, em particular, na Literatura Inglesa, tomaremos como obra representativa *Wuthering Heights*, único romance de *Emily Brontë* (1847) e seu contexto de produção e recepção. Para tanto, iremos fazer uma análise da relação do feminino e a natureza centrada na personagem Catherine e sua relação com os outros personagens e toda a narrativa, para problematizar o romance. A presente Monografia está organizada em três partes distintas, ainda que relacionadas. Contudo, o capítulo 1 traz a introdução, em seguida vamos abordar, no capítulo 2, o contexto histórico do

Romantismo, bem como seus precursores e suas historicidades, expondo assim acontecimentos na Inglaterra e em países como França e Alemanha. No capítulo 3, foram discutidos temas como a vida e a obra de Brontë, e a trajetória da escritora na era vitoriana, ressaltando também a escolha da autora por um narrador masculino, trazendo fatos como a tendência de mulheres serem vistas como inferiores ao sexo oposto. Finalizamos com as análises sobre *Wuthering Heights* no capítulo 4. Aqui, falaremos da natureza nos seguintes aspectos: no gótico, nos personagens, e sobretudo na relação da natureza com a personagem Catherine.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO DO ROMANTISMO

O Romantismo surgiu entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, na Alemanha, França e Inglaterra, sob o impacto da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. Diante dos adventos da época, o Romantismo se desenvolveu, possibilitando o nascimento de várias obras literárias, algumas delas possuindo como característica fundamental a exaltação da natureza. A palavra *romantismo* evoca tudo que agrada à imaginação, promove os sonhos e comove a alma, sendo este conceito uma oposição ao Classicismo (GUINSBURG, 2002, p.14).

*Romantic* here is meant both in the historical period sense – a complex cultural movement of the late eighteenth and nineteenth centuries – but also, as *romantic* with a small *r*, to name continuing and deeply engrained modes of thought that oppose industrial society with ideas of ‘nature’ and ‘the natural’ as modes of secular redemption. (CLARK, 2011, p.13)<sup>1</sup>

Durante o período romântico, a elite intelectual tinha grande autoridade na sociedade, e influenciava fenômenos sociais como queda de governos absolutos, surgindo o liberalismo político com o inconformismo e desobediência às normas. Com isso, se impõe um espírito romântico centrado no historicismo e no individualismo.

Löwy e Sayre (1995) defendem que o Romantismo surge da oposição aos primados do capitalismo, justamente por se tratar de uma ‘realidade sem mais’; na visão dos críticos, “a sensibilidade romântica representa uma revolta contra a civilização criada pelo capitalismo”

---

<sup>1</sup> Romântico aqui é entendido tanto no sentido do período histórico – um movimento cultural complexo dos séculos XVIII e XIX – mas também, como romântico com um pequeno *r*, para nomear modos de pensamento contínuos e profundamente arraigados que se opõem à sociedade industrial com ideias de “natureza” e “o natural” como modos de redenção secular. (Tradução Nossa)

(LÖWY E SAYRE, 1995, p.37), o que resulta nesse reencantamento do mundo por meio da natureza de que viemos falando.

Os autores românticos destacam que a objetividade, o iluminismo e a razão prevaleceram no século XVIII. Já no século XIX, foram o lirismo, a subjetividade, a emoção e o “eu” que prevalecem (GUINSBURG, 2002, p.16). Estes séculos produzem grandes avanços científicos, inventando as máquinas e catapultando o capitalismo. Na Idade Moderna, tais revoluções trouxeram um aumento populacional e, como consequência, a economia se desenvolveu, proporcionando uma sensação de liberdade. (GUINSBURG, 2002, p.20).

## 2.1 Romantismo na Inglaterra

O Romantismo começa no país que hoje é a Alemanha e, ao mesmo tempo, está presente na Inglaterra. Com o movimento *Sturm und Drang* (1760-1780), que acontece no momento da unificação da Alemanha, e o Romantismo faz parte desse processo.

Sturm und Drang's fervor and nascent nationalism in Germany, and the anti-classical reaction later in France, meant that romanticism was a much more public and political affair on the continent than in Britain. (HEATH & BOHERAM, 1999, p.108)<sup>2</sup>

Contudo, entende-se que o movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), estava preocupado em combater a influência Francesa na cultura alemã. Esse movimento foi um grande salto na virada do século, tendo como principais representantes: Johann Wolfgang Von Goethe (1749–1832), Friedrich Schiller (1759-1805) e Samuel Taylor Coleridge (1772-1834). Heath e Boheram, 1999, enfatizam que *Sturm und Drang* foi marcado pelo nacionalismo de Herder, um tipo de Rousseau da época.

Em contra partida, podemos analisar, tomando como base as idealizações de Coleridge ao visitar a Alemanha juntamente com Wordsworth em 1798, como ele reconheceu sua dívida com o pensamento de Immanuel Kant (1724-804) e filósofos idealistas alemães associados, pois tinha um pensamento centrado na sociedade britânica idealmente aristocrática e teocrática.

In his prose works, Coleridge had a significant influence on conservative Victorian intellectual societies such as Cambridge and conservative religious tendencies as the powerful Oxford movement; as well as wise Victorian individuals like Matthew Arnold and John Henry Newman. Coleridge's prose texts played, in other words, an important role in shaping the business establishment that considered an idea of

---

<sup>2</sup> O fervor de *Sturm und Drang* e o nacionalismo nascente na Alemanha, e a reação anti-clássica mais tarde na França, significaram que o Romantismo era um assunto muito mais público e político no continente do que na Grã-Bretanha. (Tradução Nossa)

revolution with flavor: "The Red Fury of the Seine," as fundamentally conservative Tennyson placed in 1850 in Memoriam. (DAY, 1991, p.217)<sup>3</sup>

Entre os autores que podemos destacar na literatura do Romantismo inglês estão: William Blake (1753-1827), considerado como um proto-romântico, uma vez que não fazia parte de nenhum movimento literário; Robert Burns (1759-1796), publicando poemas em língua escocesa e Samuel T. Coleridge (1772-1834) e William Wordsworth (1770-1850) introduzem o movimento na Inglaterra com a publicação de *Lyrical Ballads*, em 1798 contendo um prefácio onde expunham suas ideias sobre literatura e poesia.

The collection of poems published as *Lyrical Ballads* in 1798 by William Wordsworth (1770-1850) and Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) has traditionally been seen as the cradle of English romanticism. This was anticipated by the publication in 1786 of Poems, mainly in Robert Burns' Scottish Dialect (1759-96), a collection dedicated to the language of a distinctive and therefore also romantic local culture. (HEATH e BOHERAM, 1999, p.49)<sup>4</sup>

Uma segunda geração de poetas importantes seriam Percy B. Shelley (1791-1822), Lord Byron (1788-1824) e John Keats (1795-1821), que ajudaram a consolidar o Romantismo na Inglaterra. Outro fator que impulsionou este movimento foi a Revolução Industrial, quando a classe burguesa ascende socialmente, através do capitalismo industrial. O mercantilismo inglês aumentou significativamente junto com o capitalismo, pois não havia, no momento, outros países que pudessem concorrer comercialmente com a Inglaterra. A falta de organização das classes camponesas levou a uma dominação por parte das classes mais fortes que detinham o poder econômico e político da época, passando a oprimir as classes que se sustentavam da agricultura e vigorando assim uma economia urbana orientada pela produção industrial.

The subclass of Europe's disgruntled poor can be a volatile factor in any political change. His fears proved to be well founded. The multitude of sans-culotte urbanites (literally, "no breeches") became radical Republicans in the next phase of the

---

<sup>3</sup>Em suas obras em prosa, Coleridge teve uma influência significativa em sociedades intelectuais conservadoras vitorianas, como Cambridge, e tendências religiosas conservadoras, como o poderoso movimento de Oxford; bem como sábios indivíduos vitorianos como Matthew Arnold e John Henry Newman. Os textos em prosa de Coleridge tiveram, em outras palavras, um papel importante na formação do estabelecimento comercial que considerava uma idéia de revolução com sabor: "A fúria vermelha do Sena", como Tennyson, fundamentalmente conservador, colocado em 1850 em Memória. (Tradução Nossa)

<sup>4</sup>A coleção de poemas publicados como *Lyrical Ballads* em 1798 por William Wordsworth (1770-1850) e Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) tem sido tradicionalmente vista como o berço do Romantismo inglês. Isso foi antecipado pela publicação em 1786 de Poemas, principalmente no *Scottish Dialect* de Robert Burns (1759-96), uma coleção dedicada ao idioma de uma cultura local distinta e, portanto, também romântica. (Tradução Nossa)

revolution, 1792-3, during which essentially middle-class Jacobin radicals had to make concessions to working masses. (HEATH E BOHERAM, 1999, p.49)<sup>5</sup>

Neste cenário se estabelece o Romantismo na Inglaterra, com as *Lyrical Ballads* (1798), de William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, identificando-se com as classes dominadas que sofriam com as mudanças sociais que estavam acontecendo nesse momento. Por isso utilizava a linguagem dos camponeses que estavam mais integrados com a natureza. Por outro lado, Day (1995, p.18) destaca que o escritor Samuel Taylor Coleridge se volta para a nova ordem social, retornando ao mundo mágico de mistério e imaginação. Essas preocupações já apareciam na poesia de William Blake, que precede esta geração e se dedica às classes oprimidas quando escreve poemas como “The Little Black Boy”, defendendo uma criança que sofria com a escravidão. Lord Byron, mais novo que estes precursores, retratam com subjetivismo seus temas escolhidos, dando um toque satírico aos seus escritos.

## 2.2 Romantismo e Natureza

O Romantismo fomenta a visão subjetiva sobre a cultura através de formas da natureza para fazer uma extensão do eu. A literatura do Romantismo se relaciona com o raciocínio sobre o passado e a ligação entre o ser humano e a natureza. Segundo Bradley, Beatty e Long (1976), uma das características do Romantismo é a certeza de que a natureza e o homem natural são possuidores de grande bondade, assim como, a confiança na fé espiritual e na imaginação humana.

De acordo com Heath & Boreham (2002, p. 76), o Romantismo trata do tema da natureza como sendo guiada por um espírito celestial, dando à imaginação humana uma ideia universal e insistindo que a criatividade dos indivíduos consistia em adquirir uma harmonia plena com a natureza. Portanto, este movimento dava extrema importância à imaginação, originalidade e expressão individual. O homem e a natureza foram expostos frequentemente na pintura romântica, representando paisagens nas telas e mostrando que a natureza está no espírito e emoção dos artistas, tendo assim grande presença nas suas obras. Deste modo, eram comuns retratos de paisagens das áreas rurais e do mar, criando um cenário de nostalgia e de drama entre as pessoas pintadas nas telas e seu contexto ambiental (SCHELLING; 2001 p.67).

---

<sup>5</sup>A subclasse dos pobres descontentes da Europa pode ser um fator volátil em qualquer mudança política. Seus medos provaram ser bem fundamentados. A multidão de urbano sans-culotte (literalmente, “sem calças”) se tornou republicanos radicais na próxima fase da revolução, 1792-3, durante a qual os radicais jacobinos da classe média tiveram que fazer concessões às massas trabalhadoras. (Tradução Nossa)

As forças da natureza são representadas de forma dramática, colocando o homem como impotente para opor-se e controlar o poder da natureza. O homem é inserido neste contexto como um ser cheio de nostalgia e de sonhos que no meio às ruínas provocadas pelo poder devastador da natureza, que não tem piedade da sua situação de desespero, sofre sem nada poder para fazer para se salvar.

Nunes (1993), afirma que a natureza, para os românticos, não é apenas o objeto que sofre o reflexo dos seus devaneios, mas uma morada onde habita a harmonia desejada; ela palpita uma vida que os atrai, guarda sensações não experimentadas pelo mundo da cultura, que lhe é avessa. Nesse diálogo que se estabelece, o “eu” fala às formas naturais, onde um organismo considerado vivo se transformava incessantemente. De acordo com Boreham (1985), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi o pioneiro do movimento Romântico, pois entendia que com a forma intelectual exagerada, o homem se afasta da natureza, dando lugar a um raciocínio extremista que termina por gerar uma oposição, dando lugar ao que se conhece como Romantismo.

### **2.3 Romantismo e Natureza na Inglaterra**

Há cerca de dois séculos a natureza é motivo de preocupação humana. E muitos estudiosos da tradição romântica reafirmam que essa ideia é tão antiga quanto a cultura humana. Tendo em vista as tendências destrutivas dos ideais iluministas da conquista da natureza, a economia de mercado e o industrialismo. Jonathan Bate escreve: se alguém historiciza a ideia de um ecológico ponto de vista - um respeito pela terra e um ceticismo quanto à ortodoxia que crescimento econômico e produção material são o princípio e o fim de tudo sociedade - encontra-se diretamente na tradição romântica. (p.13)

Os ingleses enfatizavam à experiência solitária do sublime natural, como no relato de Wordsworth sobre os Alpes. Wordsworth, Ruskin e Morris, de várias maneiras, baseiam-se nas ideias da cultura popular indígena para campanhas contra o industrialismo desenfreado e urbanização. Bate, ao escrever a Ecologia Romântica após a Guerra Fria, diz que o propósito era comparar a natureza como novo desafio, embasada em duas vertentes políticas: à direita e esquerda. Nesse aspecto os poetas Wordsworth e John Clare, o crítico vitoriano John Ruskin e outros, deram início a um movimento político verde cuja importância era questionar o agora. Ao falar da natureza no movimento romântico, em “A ecologia romântica”, Bate afirma que:

[...] recognizes that neither physically nor psychologically can we live without green things; it proclaims that there is “one life” within us and abroad, that the earth is a

single vast ecosystem which we destabilize at our peril (40). For Bate and others the insights of modern ecology gave new force of justification to some Romantic writers, to pantheistic claims about the 'one life' in all things. (CLARE, *apud* CLARK, 2011, p.15-16)<sup>6</sup>

Nesse trecho, os autores intensificam a ideia de que não podemos viver sem a natureza, e atestam também que a natureza está presente no interior e exterior humano, e por isso somos responsáveis por tudo que acontece na terra. Para Bate e outros autores ligado à ecologia moderna elucidam a partir de crenças panteísta de que absolutamente tudo e todos compõem uma “vida única”, ou seja, o Universo (ou a Natureza) e Deus são idênticos e imanentes.

## 2.4 Romantismo, Natureza e o Gótico na Inglaterra.

A literatura gótica compartilha muitos dos traços do Romantismo, como o foco nas emoções e na imaginação. O movimento gótico vai além de um estado melancólico evidente na maioria das obras românticas, pois esse gênero literário tem uma relação constante com a natureza. Os escritores góticos usaram cenários da natureza para dar vida aos seus romances. É importante ressaltar que esses cenários na ficção gótica contribuem para evocar esse sentimento característico de horror por apresentar paisagens sombrias, misteriosas e sobrenaturais. Obras consagradas como *Jane Eyre* de Charlotte Brontë (1847); *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley e *Wuthering Heights* (1847), de Emile Brontë, usavam o terror gótico como ferramenta importante em suas narrativas.

O termo “gótico” foi usado pela primeira vez em conjunto com um estilo medieval de arquitetura ornamentada e complexa, esse estilo era visto nas igrejas e catedrais na França e Inglaterra no século XII. Não foi, até a era romântica no final do século XVIII, que a palavra é aplicada à literatura. A primeira menção à literatura gótica apareceu no castelo inglês de Horace Walpole, *The Castle of Otranto*, publicado em 1764.

[...] Both movements usually encapsulated in England by Horace Walpole (1717-97), only built the first main document the other form of his gothic Strawberry Hill (1748), but still the first "Goth" romance ", *The Castle of Otranto* (1764). "Gothic Novel", *The Castle of Otranto* (1764). (HEATH E BOHERAM, 1999, p.17)<sup>7</sup>

<sup>6</sup>[...] reconhece que nem fisicamente nem psicologicamente podemos viver sem coisas verdes; proclama que existe "uma vida" dentro de nós e no exterior, que a Terra é um único vasto ecossistema que desestabilizamos por nossa conta e risco (40). Para Bate e outros, os insights da ecologia moderna deram uma nova força de justificação a alguns escritores românticos, a reivindicações panteístas sobre a "vida única" em todas as coisas. (Tradução Nossa)

<sup>7</sup>[...] Ambos os movimentos geralmente encapsulados na Inglaterra por Horace Walpole (1717-97), apenas construíram o primeiro documento principal a outra forma de seu gótico Strawberry Hill (1748), mas ainda o



Walpole aplicou a palavra no subtítulo "Uma História Gótica". O uso pretendia ser uma piada sofisticada para sugerir que a história fosse uma relíquia antiga, mesmo que fosse mera ficção. Walpole usou a palavra "gótica" no sentido de "bárbaro" ou "derivado da Idade Média", e muitos foram até enganados ao acreditar que sua história realmente vinha de uma fonte antiga, e não uma criação autoral sua.

### **3 EMILE BRONTË E A TRAJETÓRIA DA MULHER NA ERA VITORIANA**

A obra de Emily Brontë, *O Morro dos Ventos Uivantes*, foi escrita em 1847 e se consagrou como um clássico da literatura. O nome do Romance remete a uma fazenda onde se passa o enredo: "o morro dos ventos uivantes" é um lugar no interior da Grã-Bretanha, onde vivia a família Earnshaw. A história gira em torno da chegada de um jovem mendigo que o Sr. Earnshaw encontra na cidade de Liverpool e leva para casa. Para uma obra ser considerada um clássico da literatura, precisa ter uma história cativante, ser original ao abordar um assunto e em sua forma ter uma quantidade de edições traduzidas em outras línguas. Portanto, este livro é uma das maiores obras entre os clássicos da literatura inglesa.

Esse clássico de Emily Brontë tem cativado leitores através de gerações. Seu sucesso certamente também está ligado ao fato de a obra ser um retrato das relações sociais naquela época. Há muitas descrições sobre como a sociedade funcionava na era vitoriana, período em que Emily escreveu seu romance. O foco desta seção é refletir sobre a imagem e o papel da mulher em tempos vitorianos e de que modo Emily Brontë retrata isso em seu romance.

A era vitoriana é o período no qual reinou a Rainha Vitória, detentora da coroa inglesa por 63 anos, no século XIX. O período é conhecido como uma época de prosperidade para o povo inglês, conseguida principalmente devido à Revolução Industrial e à colonização dos ingleses sobre outras nações. Devido a influências da Reforma Protestante, essa foi também uma fase de florescimento do cristianismo e do conservadorismo. O contexto cultural era, portanto, de rigidez nos costumes e de pouca liberdade sexual.

Na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX a única possibilidade de sobrevivência das mulheres não pertencentes às classes trabalhadoras, era estarem sob a tutela de um ente do sexo masculino. Quando um patriarca falecia, suas posses eram repassadas aos filhos homens, e na ausência destes eram transmitidas a outros parentes de sexo masculino. Dessa forma, para garantirem seu sustento, as mulheres empenhavam-se desde cedo na busca por um

---

primeiro romance "gótico", *O Castelo de Otranto*. (1764). "Romance Gótico", *O Castelo de Otranto* (1764). (Tradução Nossa)

matrimônio que representaria sua “liberdade”, no sentido de que passariam a não depender mais da boa vontade de um irmão, tio ou primo, no caso de falecimento do pai. Além disso, o mais recomendável era que o casamento ocorresse entre famílias de status social semelhante, para que a honra e o nome das famílias não fossem manchados.

As mulheres não ocupavam uma posição de prestígio na sociedade. Suas vidas, na maioria dos casos, eram destinadas exclusivamente aos trabalhos domésticos e ao casamento. Isso é muito bem retratado por Emily Brontë, quando ela descreve a vida e o comportamento de suas personagens femininas. Segundo Monteiro,

A rainha Vitória, que atribuía o sucesso do seu reinado à moralidade da corte e à harmonia da vida doméstica, conseqüentemente, olhava o movimento em defesa dos Direitos da Mulher como ameaça à virtude do sexo ‘frágil’. Tal situação, obviamente, viria a repercutir, ainda que de forma silenciosa, na vida privada, onde a repressão, principalmente a sexual, se agrava e se intensifica incrivelmente (...) Excluída do mundo público dos negócios e recolhida ao mundo privado do lar, por injunções de uma estratificação social fundada na diferença dos sexos, era de se esperar que as jovens de ‘boa família’ recebessem uma educação ou (i)lustração destinada apenas a fazê-las reluzir nas salas de visita e a cativar com o seu brilho o olhar de algum pretendente. (MONTEIRO, 1998, p. 61-62)

Dessa forma, o casamento tornava-se o principal escudo protetor da mulher vitoriana. Era por meio dele que se conseguia sustento e status social. E, para alcançá-lo com mais facilidade, e com o tipo de pretendente desejado, segundo Monteiro (1998), uma *lady* deveria ter algumas competências, como falar francês, tocar piano, dançar, bordar e costurar. Porém, as mulheres aristocratas eram poupadas das obrigações pedagógicas para com seus filhos; surge então outra faceta da figura feminina na era vitoriana, as preceptoras. Elas eram contratadas para realizar a tarefa de tornar os filhos dos aristocratas efetivos *ladies* ou *gentlemen*, um costume que acabou por ser adotado também pela burguesia. Conforme elucidada Monteiro,

A principal função da preceptora era dar aos seus pupilos uma orientação moral e social. Por agir dentro de um ambiente refinado, próprio de uma *lady*, era necessário que a preceptora, como substituta da mãe, fosse uma *gentlewoman*. Em geral, ela era filha de pároco ou alguém da própria família, como uma prima ou sobrinha. Por imitação da aristocracia, a alta classe média encontrou na professora particular a solução para educar os filhos no espaço reservado do lar. Desse modo, a preceptora se agrega à vida doméstica da burguesia, tornando-se a mais notável inglesa com trabalho remunerado e, ao mesmo tempo, transformando-se numa ‘anomalia’ (MONTEIRO, 1998, p. 62, 63)

Dessa forma, as mulheres no período vitoriano tinham poucas opções, sendo que o *status* social delas estava sempre ligado ao dos homens que as tutelavam. Se fossem de

família nobre, um bom casamento era a melhor opção. Se pertencessem à classe média e fossem instruídas, no caso de não encontrarem um marido, poderiam trabalhar como preceptoras ou damas de companhia, apesar das condições de trabalho serem pouco confortáveis. Se pertencessem à classe baixa, poderiam ser operárias e realizar alguns trabalhos braçais, algo que era visto de forma ainda mais marginalizada.

O primeiro fato a ser notado é que as mulheres não ocupavam uma posição de prestígio na sociedade. Suas vidas eram destinadas exclusivamente aos trabalhos domésticos e ao casamento. Isso é muito bem retratado por Emily, quando ela descreve a vida e o comportamento de suas personagens femininas. O caso de Emily Brontë se encaixa muito bem nessa lógica social, uma vez que seu pai não tinha muitas posses, enviou-lhe juntamente com suas irmãs para um internato onde puderam ter educação formal. A intenção do pai das moças era que pudessem ser preceptoras, caso não encontrassem um bom casamento.

Catherine é um bom exemplo de como essa lógica social funcionava. Ela estava diante de duas opções, a primeira era casar-se com Heathcliff, por quem era apaixonada, e a segunda era casar-se com Linton, um jovem cheio de posses. Como Heathcliff não era alguém que tivesse prestígio social, além de ser seu irmão adotivo, ele opta por não escandalizar a sociedade da época e casa-se com Linton. Dessa forma, ela fica livre da dependência de seu irmão Hindley e conserva a honra de sua família unindo seu nome a outro nome de prestígio. Sua ação foi socialmente bem vista, porém seu desejo verdadeiro, ainda que considerasse Linton adorável, era ter se casado com Heathcliff. É desta forma que Emily Brontë descreve o contexto social que cercava suas personagens. Esse também é o contexto no qual ela ainda vivia. Filha de um reverendo, ela e suas irmãs viveram em um presbitério no interior da Inglaterra. Cercadas por um ambiente religioso, as irmãs Brontë, mesmo sem terem frequentado muitos anos de escola, desenvolveram o dom da escrita e publicaram algumas das obras literárias mais importantes do período vitoriano.

### **3.1 Histórias da Família Brontë: Irmãs Escritoras**

A escritora de *O Morro dos Ventos Uivantes* é, como dissemos, Emily Jane Brontë, nascida em 30 de julho de 1818, em Yorkshire. Filha de Patrick Brontë e Mary Branwell, ela se destaca entre as outras duas irmãs escritoras, Charlotte Brontë e Anne Brontë. Como era costume das escritoras da época, elas publicaram inicialmente suas composições sob pseudônimos masculinos.

A família Brontë viveu no século XIX em um presbitério no interior da Inglaterra. O patriarca, Patrick Brontë era um clérigo de origem humilde e casou-se com Mary Branwell. O casal teve seis filhos, dos quais duas faleceram ainda na infância. Mary, a matriarca, também faleceu deixando Patrick endividado por conta dos tratamentos médicos e com os seis filhos pequenos. Segundo Barker (2013 apud Campana 2017),

Como não poderia garantir o futuro para seus filhos devido suas limitações financeiras, Patrick sabia que tinha que oferecer algum tipo de educação para eles, pois poderiam trabalhar e se sustentar. Para as mulheres não havia muitas opções. O caminho mais fácil era o casamento, mas seria pouco provável que alguma chegasse a se casar, tendo em vista sua condição social. Com o casamento fora de opção, alguma profissão teria que ser considerada. Fora de questão estavam ocupações da classe operária, como costureira, vendedora, atendente de loja ou mesmo a enfermagem. Sobrava, portanto, muito pouco. Poderiam ensinar em escolas particulares ou como tutoras nas casas dos alunos ou se tornarem damas de companhia para senhoras de idade. Em qualquer caso, uma educação formal se fazia essencial. (BARKER, 2013 apud CAMPANA, 2017, p. 20, 21).

Por esse motivo, as quatro meninas maiores (Maria, Elizabeth, Charlotte e Emily) foram enviadas a uma espécie de internato, onde teriam uma educação formal para que pudessem ter algum trabalho no futuro. Porém, as duas irmãs mais velhas, Maria e Elizabeth morreram aos 11 e 10 anos, respectivamente, ao contraírem tuberculose na escola. Por esse motivo, Patrick também levou as outras duas filhas embora da escola. Segundo Barker (2013, apud Campana 2017),

A morte repentina das duas irmãs mais velhas foi um trauma na vida dos irmãos restantes. O único consolo religioso que ficou na família era a certeza de que elas foram para um lugar melhor. A natureza de suas perdas foi refletida em alguns de seus trabalhos futuros, no qual crianças órfãs foram representadas não apenas em escritos da juvenília, como também em seus romances. Anne, que tinha apenas cinco anos quando as irmãs morreram, foi a menos afetada e Charlotte, a que mais sofreu, considerava suas irmãs mais velhas superiores a ela, interpretando as mortes da irmã como uma grande injustiça. (BARKER, 2013 apud CAMPANA, p. 22, 23).

Aos poucos, com o passar do tempo, a vida dos Brontë foi retomando a normalidade. Emily e Charlotte, as irmãs mais velhas, agora fora da escola, tinham suas lições ministradas pela tia Elizabeth e pelo pai.

Segundo Barker (2013), Patrick, apesar dos poucos recursos, fomentou o máximo que pode o talento de seus filhos. Incentivados desde cedo a terem o hábito da leitura, os irmãos cresceram com um espírito artístico que é notado até hoje por meio das obras ligadas aos Brontë. Anne é a menos conhecida das irmãs Brontë, porém seu legado não deixa de ser importante. Apesar de ter publicado poucas obras, sobretudo devido à sua morte prematura,

aos 29 anos, Anne deixou sua marca na literatura. Seu segundo e último romance, *The Tenant of Wildfell Hall*, é considerado uma das primeiras obras de cunho feminista na literatura inglesa; e apesar da ousadia, ainda era necessário que Anne usasse o pseudônimo masculino “Acton Bell”.

Patrick Branwell Brontë também compartilhava do talento artístico da família Brontë. Gostava de escrever e de pintar, no entanto, não chegou a publicar algo que lhe trouxesse grande reconhecimento. Seu talento desperdiçado é geralmente associado ao vício em álcool e ópio que agravou seu estado debilitado de saúde, levando-o à morte por problemas respiratórios aos 31 anos. Charlotte Brontë tem algumas das obras mais famosas da família Brontë. *Jane Eyre* é seu romance mais conhecido. Publicava sob o pseudônimo de Currer Bell, por não querer chamar a atenção, assim como suas outras irmãs. Ela faleceu grávida aos 38 anos em decorrência de uma tuberculose, pouco tempo após ter se casado.

Emily Brontë, das três irmãs, é aquela sobre a qual menos se sabe. Ela escreveu apenas uma obra, *O Morro dos Ventos Uivantes (Wuthering Heights)*, que é considerado um clássico da literatura mundial. Assim como suas irmãs, Emily publicava sob um pseudônimo masculino, Ellis Bell. Especula-se que ela escrevia um segundo romance quando faleceu, aos 30 anos em consequência de tuberculose. Emily Brontë e suas irmãs, ao descreverem o contexto social que cercava suas personagens, descrevem também o próprio contexto no qual elas ainda viviam. Cercadas por um ambiente religioso conservador e patriarcal, as irmãs Brontë, mesmo sem terem frequentado muitos anos de escola, desenvolveram o dom da escrita e publicaram algumas das obras literárias mais importantes do período vitoriano.

### **3.2 Escritoras Mulheres na Era Vitoriana**

Apesar do contexto pouco favorável às mulheres daquela época, foi justamente nesse período que a literatura de autoria feminina floresceu na Inglaterra. Jane Austen, e as irmãs Brontë figuram ao lado de Charles Dickens, Oscar Wilde e George Eliot como alguns dos escritores mais notáveis do período vitoriano. As temáticas abordadas pelas escritoras da era vitoriana muitas vezes estavam associadas aos dilemas que as mulheres comuns enfrentavam em suas vidas cotidianas. As críticas à sociedade machista e patriarcal da época nasceram, ainda que muitas vezes de modo sutil, como uma forma de resistência, embora muitas escritoras ainda precisassem escrever sob pseudônimos masculinos.

É possível afirmar que o talento e o surgimento das obras das irmãs Brontë possuem relação com o contexto social da Inglaterra vitoriana. Como já evidenciado, a principal

possibilidade de sobrevivência das mulheres no século XIX era o casamento, após saírem da tutela dos pais. Porém, os relacionamentos amorosos dificilmente eram motivados apenas por amor e livres de outros interesses. Uma moça pobre e órfã tinha mais dificuldades de encontrar um marido que lhe suprisse todas as necessidades, um caso no qual se enquadravam as irmãs Brontë.

Devido à sua frágil condição financeira, Patrick Brontë decidiu que as filhas dificilmente encontrariam um casamento seguro, por isso resolveu que teriam educação formal e fomentou-lhes o talento e o gosto pela leitura. Dessa forma, caso não se casassem, poderiam encontrar algum trabalho como professoras ou damas de companhia para senhoras de idade. As Brontë então receberam educação formal em vez de serem educadas exclusivamente para o casamento. Talvez, se tivessem seguido o caminho oposto, suas obras não seriam tão criativas e ousadas. Barker (2013 apud Campana 2017), ao falar sobre as terras imaginárias criadas pelas irmãs, diz que

Gondal, embora devesse muito a Angria, se diferenciava em estilo e tipo, muito em parte porque era um mundo criado e dirigido por mulheres. Emily e Anne tinham os mesmos interesses quando se tratava de assuntos do coração. As relações de amor criadas pelas duas eram baseadas na igualdade, na coragem, na paixão e na fidelidade até a morte. Usavam uma linguagem simples, diferente das aventuras amorosas de Charlotte, que eram versificadas nas quais a mulher apaixonada dependia de suas fantasias e caprichos para encontrar a felicidade (BARKER, 2013 apud CAMPANA, p. 24)

Dessa forma, as irmãs Brontë, como tantas outras escritoras da época, pareciam buscar na literatura um mundo diferente daquele em que estavam inseridas. Nesse mundo poderiam realizar tudo aquilo do qual eram privadas na realidade, escapando dos dogmas sociais aos quais eram submetidas.

### **3.3 A Escolha de um Narrador Masculino**

O início da narrativa de Emily Brontë em *O Morro dos Ventos Uivantes*, mostra o encontro do Sr. Lockwood e Heathcliff, este último é descrito como um homem desconfiado e pouco amistoso, já Lockwood aparece como uma figura inconveniente e cômica. O Sr. Lockwood apresenta-se como o novo inquilino, pois havia alugado a Granja dos Tordos, propriedade de Heathcliff.

Ao traçar sua narrativa, Lockwood se mostra curioso e interessado sobre a vida e o passado de Heathcliff, e ao longo dos três primeiros capítulos do romance ele narra suas visitas pouco desejáveis e um tanto inconveniente para os habitantes do Morro dos Ventos

Uivantes. Após descobrir alguns acontecimentos através de suas visitas, quem passa a assumir a narrativa é Nelly Dean, a governanta da Granja dos Tordos, que conhecia o passado dos Earnshaw, dos Linton e de Heathcliff. O Sr. Lockwood parece ser uma figura importante para o romance, uma vez que é a partir dele que se cria uma atmosfera de mistério que envolve a narrativa impulsionando a curiosidade do leitor. Ele divide seu papel de narrador com Nelly, que, no entanto, parece ter sua narrativa submetida às vontades do patrão.

A escolha de um narrador masculino parece ter relação com o contexto sociocultural da época, de patriarcalismo e divisão acentuada de classes sociais. Os capítulos introdutórios contam com a presença de alguém novo no cenário onde habitam os personagens principais, esse alguém é aquele que introduz a história e que ao mesmo tempo gera um clima de curiosidade e mistério. O narrador (Sr. Lockwood) não tem consciência da sua própria narrativa, uma vez que passa a compreender por meio de testemunho de Nelly. Porém se levarmos em consideração a civilidade de Lockwood, a sofisticação e o seu conhecimento literário quando diz que *O Morro dos Ventos Uivantes* “um perfeito paraíso dos misantropos” (BRONTË, 1994, p.1); certamente não iniciáramos a leitura do romance achando que é uma história de amor trágica, sombria acompanhada de ódio e violência. Mas, embora não tenha conhecimento sobre nada, ele imagina ao visitar a casa de Heathcliff que existe uma relação familiar entre os membros da casa. O narrador também percebe uma atmosfera pesada e se impressiona com os insultos carregados de ódio e a relação ostil entre eles. Contudo, este narrador não teria acesso a todas as cenas e conversas, pois ele teria que estar inserido no cotidiano das personagens femininas, o que, para época, uma intimidade dada apenas às mães, irmãs, e governantas como é o caso de Nelly Dean.

No entanto, esse alguém que narra é o mesmo que aluga uma grande propriedade e que tem a liberdade de cavalgar livremente e de, sem companhia, fazer visitas a um local e a pessoas desconhecidas e hostis. Se considerarmos o contexto do século XIX, no qual a narrativa se passa, a tendência mais corriqueira é que se associe essa figura a um homem. Quando a narrativa passa a pertencer a Nelly, algumas questões surgem, segundo Oliveira

estabelece-se uma espécie de pacto narrativo entre patrão e empregada. Nelly irá adequar seu modo de narrar às preferências de Lockwood. Lembremo-nos de que a transição entre a narração de Lockwood e a de Nelly, no início do capítulo 4 do primeiro volume, transcorre de forma pacífica e conciliatória: Lockwood, no descanso de sua cama, após uma crise de saúde; Nelly, no conforto de seu bordado, sempre a serviço do patrão, como se não fosse uma voz independente, de fato. (OLIVEIRA, 2017, p. 75-76)

A figura da narradora, portanto, é semelhante à figura da mulher no contexto em que a obra foi escrita; a serviço de um homem, enquanto realiza uma tarefa doméstica, ela traça sua narrativa de modo muito distinto. Enquanto Lockwood expressa sua visão acerca dos fatos nos primeiros capítulos, fazendo isso de modo livre e independente, Nelly narra àquilo que o patrão quer, agradando seu senhor com os fatos que ele deseja conhecer. Para que esse diálogo entre patrão e empregada ocorresse, ainda havia outro empecilho, o da classe social, que, segundo Oliveira, é resolvido da seguinte forma:

Nelly procura afirmar seu intelecto e conhecimento a despeito de sua condição social, tentando de algum modo igualar-se culturalmente ao patrão Lockwood, que lhe dá aval. É um momento que, de certa forma, explica o motivo de Lockwood e Nelly, mesmo sendo de classes sociais diferentes e tendo características pessoais também muito diferentes, narrarem de forma tão parecida, expressando o mesmo viés de classe. Se isso, no caso de Lockwood, faz todo sentido, devido a sua posição social, o mesmo não vale para o caso de Nelly. Em ambos vemos os mesmos preconceitos, (...) o mesmo senso de superioridade moral (OLIVEIRA, 2017, p. 76)

Se as classes sociais dos narradores não eram as mesmas, restava resolver o conflito da conversa entre patrão e empregada por meio dos dotes culturais de Nelly. Só assim, ambos seriam capazes de narrar os fatos de modo muito semelhante, com o mesmo olhar e valores das classes mais elevadas. Talvez a narrativa fosse muito diferente se Nelly a contasse sob o ponto de vista de uma mulher simples que dedicou sua vida aos serviços domésticos na casa dos patrões.

Emily Brontë busca, portanto, resolver de modo aceitável para a sociedade da época os conflitos entre sexos e classes sociais, em relação aos narradores; dessa forma, certamente o romance se tornaria mais apazível e menos confuso para os padrões da época. É necessário também reconhecer a riqueza da obra em relação à forma como é narrada. As várias idas e vindas, os flashbacks e as cartas e depoimentos que também assumem voz narrativa são representativos da complexidade desse romance.



#### 4 A NATUREZA EM WUTHERING HEIGHTS

Brontë dividiu *Wuthering Heights* em duas partes, a primeira marcada pelos personagens Heathcliff e Catherine com acontecimentos que incluem personagens como os sr. e sra. Earnshaw (pais de Catherine e Hindley), e os moradores da granja, sr. e sra. Linton, pais dos irmãos Edgar e Isabela Linton. A presença dos pais é limitada no enredo, assim como a de Frances Earnshaw esposa de Hindley, Zillah a primeira governanta antes de Nelly, e Joseph empregado dos Earnshaw. A narração do romance divide-se entre o Sr. Looockwood o novo morador da Granja de Tordos e Nelly a governanta da família Earnshaw.

A segunda parte do livro é mais centrada em Heathcliff e sua crueldade vingativa que se intensifica após a morte de Catherine Earnshaw. O reduto de maldades visa destruir a todos, inclusive a geração de herdeiros (os filhos/primos) sendo esses Cathy Linton (filha de Edgar e Catherine), Hareton Earnshaw (filho de Hindley e Frances), Linton Heathcliff (Heathcliff e Isabela). Heathcliff obriga seu filho Linton a casar-se com Cathy, com objetivo de obter a propriedade de Granja de Tordos. Os dois se casam, quase sem amor, e Linton morre. Hareton e Catherine acabam se apaixonando, e posteriormente casando-se também, essa união quebra o ciclo de ódio no Morro dos Ventos Uivantes e Heathcliff não se importa mais com vinganças.

A obra termina com a morte de Heathcliff, que se encontra atormentado pelo fantasma de Catherine, ele pede para ser enterrado ao lado de Catherine, a quem ele deseja estar com ela na vida eterna. Brontë associa tais fatos a manifestação da natureza, essa por sua vez explicitada nesta passagem final do narrador “como seria possível alguém imaginar que r lacabras deambulações perturbassem o sono dos que ali repousavam na terra tranquila.” (BRONTË, 1994, p. 321)

A Narrativa de Nelly sobre a infância dos irmãos Earnshaw e da chegada de Heathcliff na família começa com as cenas descritas no capítulo IV, com o dono da fazenda entrando com o jovem que a família não recebeu muito bem. O Sr. Earnshaw estava muito cansado e não queria explicar tudo naquele dia, por isso, pediu à governanta Nelly para dar banho no menino, colocar uma roupa limpa e colocá-lo para dormir. Há várias gerações a propriedade rural, localizada em uma região de clima úmido e tempestuoso, pertencia à família Earnshaw. A descrição do espaço é um tanto sombria e detalhada. O garoto, abandonado nas ruas de Liverpool, recebe o nome de Heathcliff e é criado como filho adotivo pelo casal Earnshaw. O outro filho do casal, Hindley, não esconde sua aversão pelo novo integrante da família; enquanto Catherine, depois de algum tempo, passa a se relacionar muito bem com o novo

irmão. Ainda nesta primeira parte, os jovens Catherine e Heathcliff crescem e ela se vê entre o amor que sente pelo irmão adotivo e a conveniência do casamento com o vizinho abastado. Este conflito não se resolve bem, como veremos nos tópicos mais adiante.

Escrito sob as influências do Romantismo, *O Morro dos Ventos Uivantes* possui a natureza como uma das marcas mais visíveis de seu enredo. O próprio título do romance é uma referência ao ambiente no qual ele é narrado.

Andrade (2016) mostra como a natureza é um elemento importante para os escritores do romantismo, segundo o autor, "o poeta romântico pinta a natureza de um colorido, animando-a, fazendo com que ela tenha corpo e voz e expresse os mais diversos estados da alma" (ANDRADE, 2016, p. 41). No caso de *O Morro dos Ventos Uivantes*, a natureza é pintada de modo mais sombrio, justamente para expressar o tom melancólico e taciturno da história e das personagens.

Essa ligação com a natureza, segundo Löwy e Sayre (1995, apud ANDRADE, 2016, p. 41), advém do fato de que o Romantismo é um movimento de oposição ao capitalismo. Com a Revolução Industrial em pleno fortalecimento, as cidades se desenvolviam e a vida campestre se tornava algo menos comum, o Romantismo é então um movimento de retorno a essa natureza que se perdia em meio à nova civilização que se construía rodeada de prédios e fábricas. Segundo Andrade,

O desespero de pertencer a uma civilização que lhe parece corrupta e insensível e sua própria inerência a esse mundo causam-lhe [ao escritor romântico] o infortúnio da dissidência. Daí o gosto pelo isolamento, a ação contínua da imaginação, a projeção do eu na natureza e o desejo de ter, com ela, afinidade. (ANDRADE, 2016, p. 41,42)

Alguns traços dessa descrição podem remeter ao comportamento de Emily Brontë, reconhecidamente tímida e isolada. A autora de *O Morro dos Ventos Uivantes* parecia buscar na escrita um refúgio para o mundo que a rodeava. Não se sabe exatamente o que a incomodava, ou se a natureza em sua obra tinha alguma relação com a rejeição ao capitalismo; porém, é certo que, apesar de não se categorizar de modo completo em nenhuma escola literária, *O Morro dos Ventos Uivantes* possui traços fortes de um Romantismo gótico, e essa característica nasce principalmente da natureza como um elemento essencial para a narrativa. Segundo Moisés,

[a imagem da natureza] decorre de uma atitude contemplativa, marcada, via de regra, pelo fascinado maravilhamento, pela exaltação e o êxtase, que se traduzem nos hinos em louvor das florestas, das águas, das montanhas, do firmamento. Desse modo, a Natureza tenderá a ser, mais do que mera paisagem neutra, fornecedora de imagens e motivos, um núcleo significativo enquanto polo de contraposição ao

espaço subjetivo, que se expande e se revela através dos vínculos que estabelece com o mundo exterior. Tais vínculos conduzirão a um inevitável processo de animização da Natureza, que surgirá como um ser dotado de movimento e energia próprios. (MOISÉS, 1977, p. 83 apud ANDRADE, 2016, p. 43).

Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, as agitações da natureza parecem compor um coro com as atitudes dos personagens. Dessa forma, o cenário não possui um papel meramente ilustrativo, já que são estabelecidos vínculos importantes entre o ambiente e fatos narrados. O comportamento vingativo de Heathcliff e os eventos fantasmagóricos e macabros ocorrem sempre em meio a um clima de tormentas, nevascas e vendavais.

#### 4.1 A Natureza e o Gótico

Como já elucidado na seção anterior, o cenário da natureza sombria em que a narrativa se desenrola é um meio para criar efeitos de sentido e mesmo caracterizar os personagens, ao ponto de imaginarmos que a história de Heathcliff e dos Earnshaw não poderia ser narrada em um ambiente primaveril e ensolarado.

Toda a aura de mistério que envolve a história é fortalecida pela descrição de um ambiente chuvoso com estradas lúgubres e morros com ventos uivantes. Em *O Morro dos Ventos Uivantes* a autora introduz a possibilidade dos eventos sobrenaturais logo de início como o aparecimento do fantasma Catherine. Esse encontro é vivido pelo narrador Sr. Lockwood, novo morador da Granja de Tordos, essa visita a *O Morro dos Ventos Uivantes* acaba forçando-o a passar a noite na casa, como consequência de fortes ventanias e tempestade de neve.

Lockwood fica instalado no quarto de infância de Catherine, ele adormece sob uma cama estranha dentro de um armário de carvalho, mas desperta sob o som da forte ventania que bate contra a vidraça, por alguns minutos ele analisa o barulho e, com isso mente ele cai adormecido e tem um pesadelo. O mesmo sonha com as pancadas de galhos batendo na janela e levanta pra abrir e apreender o ramo. Em vez disso, seus dedos agarram "os dedos de uma mãozinha pequena e gelada",

Desta vez, lembro-me de que estava deitado neste compartimento de carvalho e conseguia ouvir com clareza a forte ventania e a inclemência da tempestade de neve. Escutava ainda as irritantes pancadas dos galhos na janela, tendo sossegado assim que percebi qual a sua causa. No entanto, o som era tão incomodativo que, dentro do possível, resolvi pará-lo. No meu sonho, levantava-me e tentava abrir a janela; o fecho estava soldado ao encaixe da lingueta, algo que eu já havia notado quando acordara, mas que entretanto esquecera. « \_Tenho de acabar com este barulho dê lá por onde der!» resmunguei, impaciente. E foi assim que, com um soco, parti o vidro,

esticando em seguida o braço para agarrar o ramo. Porém contrariamente ao esperado, agarrei os dedos de uma mão de criança, pequena e gélida! (BRONTË, 1994, p.30)

Consideramos com base nos fatos mencionados acima, podemos dizer que a narrativa se categoriza como sendo gótica. Brontë mostra um mundo hostil, sombrio e isolado dos pântanos de Yorkshire. Essa atmosfera é transmitida pelo o então narrador Sr. Lockwood. O terror vivido por ele é sentido através do aparecimento do fantasma Catherine. Outro fator marcante que permeia o suspense e o terror é a presença da natureza. No trecho o cenário da paisagem desolada, mudanças do clima, as ventanias, os galhos de árvores indicam uma mudança dramática na narrativa.

Brontë usa tais elementos para descrever a noite em que o velho Sr. Earnshaw morre; Nelly Dean relata: “Nessa noite o vento soprava com violência, ecoando na chaminé. Parecia uma noite agreste e tempestuosa, mas, no entanto, não estava frio” (Brontë, 1994, p.47), aqui sinaliza que as vidas de Catherine e Heathcliff mudariam, enquanto Hindley assumiria o posto de chefe da família. Depois que Heathcliff vira servo da fazenda, e ainda ouve que seria um degradante esposo para Catherine ele se afasta do Morro dos Ventos Uivantes. E mais os acontecimentos refletem na natureza, pois uma tempestade violenta ocorre. “Estava uma noite escura demais para o verão...”; A tempestade veio com uma fúria violenta...

Por volta da meia noite, ainda nós estávamos a pé, a tempestade abateu-se com inusitada força sobre o Alto. As rajadas de vento eram violentas, tal como os trovões, e, ou uns ou outros, racharam uma árvore de alto a baixo numa das esquinas da casa; um ramo de grande envergadura foi parar acima do telhado e derrubou uma parte da chaminé do lado oriental, atirando uma chuva de pedras e fuligem para a lareira. (BRONTË, 1994, p.87).

Além disso, os elementos são usados para enfatizar a atmosfera dramática em relação às mortes de Catherine e Heathcliff. Assim, ocorre uma mudança nos ventos após a morte de Catherine, onde uma queda de neve interrompe as primeiras semanas do verão, matando as flores que acabavam de começar a surgir e silenciando os pássaros.

Aquela sexta-feira foi o último dia de bom tempo desse mês. Ao anoitecer, o tempo mudou: o vento começou a soprar de sul para nordeste e trouxe consigo a chuva e, depois, granizo e neve. No dia seguinte dificilmente se diria que havíamos tido três semanas de Verão: as buganvílias e os crocos vergavam-se agora às ventanias de Inverno; calaram-se as cotovias, amareleceram e caíram as folhas das árvores temporãs; fria, soturna e sombria, a manhã arrastava-se preguiçosa. (BRONTË, 1994, p.163).

O funeral de Catherine mais uma vez causou um tumulto na natureza, um estágio confuso do clima; um verão com fortes chuvas seguidas de granizo e neve. Na noite da morte

de Heathcliff, no entanto, a chuva cai durante a noite e, tomando banho na cama em que Heathcliff se separa, “... seu rosto e garganta foram lavados com chuva... “(Brontë, 1994, p.298)”. Embora a ficção gótica usasse frequentemente os elementos como um dispositivo para indicar uma mudança na atmosfera do mundo material da narrativa, seu emprego seria também sugerir comumente a possibilidade dos falecidos, assombrando aqueles que ainda estão vivos.

#### **4.2 A Natureza e os Personagens de O Morro dos Ventos Uivantes**

A descrição da natureza na narrativa de Brontë está ligada ao mundo natural de Catherine Earnshaw e Heathcliff. Esses personagens se destacam através da beleza suntuosa e assustadora da natureza. Portanto vamos estabelecer relações da natureza que se projeta através das ações dos personagens primários e secundários do enredo, vale lembrar que os elementos da natureza estão mais centrados nos personagens principais citados acima do que o restante da narrativa.

Como dito acima, Catherine Earnshaw é a heroína da história, ela é apresentada inicialmente como um fantasma, Brontë trata de mostrar que ela é a natureza, saindo assim do convencional que as pessoas esperam, Catherine deixa o narrador Lockwood assustado, aterrorizado quando ela aparece para ele no início da história. Quando Nelly passa a narrar, ela inicia a partir da infância da garota, uma menina de seis anos, filha do casal Earnshaw e irmã de Hindley. Em uma das viagens do pai ele adota um garoto, Heathcliff, apesar da aversão quando ela o conhece, os dois acabam se aproximando, tornando assim grandes amigos. Catherine era uma garota de alma selvagem que adorava brincar nas charneças, ela é descrita por Nelly como uma criança diferente das outras, travessa, arisca, brava, no entanto era a dona dos olhos mais bonitos e sorriso mais doce;

Ela tinha, de facto, uma maneira de ser bastante diferente das outras crianças e dava-nos cabo da paciência vezes ao dia. Desde que acordava até se deitar, nunca tínhamos um momento de sossego, devido ao seu espírito travesso. Andava sempre esfuziante de alegria e falava como um papagaio, cantando, rindo ou arreliando quem não participasse nas suas brincadeiras. Era uma piorrinha brava e arisca. Porém, tinha os olhos mais lindos, o sorriso mais doce e o pezinho mais ligeiro das redondezas. E, para ser sincera, creio que ela não o fazia por mal. Quando nos punha a chorar de raiva com as suas diabruras, não sala de junto de nós, pois consolando-nos, consolava-se também a si própria. (BRONTË, 1994, p. 46)

Heathcliff é de origem cigana, é descrito como um menino de pele escura e que mesmo sendo criado por uma família de posses, continua carregando algo sombrio, que

certamente o acompanha desde suas vivências passadas. Com a morte do senhor Earnshaw, Hindley assume a propriedade e as posses da família e relega Heathcliff a uma posição de serviçal. Devido ao tempo e às circunstâncias, Heathcliff retorna como um homem rico, frio, amargo, egoísta, porém apaixonado por Catherine.

Outro fator essencial da trama é que tanto Catherine como Heathcliff tem suas personalidades conectadas com a natureza, não só quando passavam horas brincando nas charnecas estando ao ar livre, mas no sentido de as almas serem tão selvagem. As descrições do clima, as tempestades, a presença dos fenômenos naturais são evidências de que a natureza está sempre na vida deles. Mas Catherine muda seu comportamento e tenta reprimir sua natureza selvagem depois que passa algumas semanas na Granja de Tordos, e se transforma em uma garota civilizada. Porém, Catherine ainda tem a natureza ligada a ela, pois cada acontecimento é refletido na natureza, como se ela se revoltasse causando assim um tumulto atmosférico ao qual as estações (verão, outono, primavera e inverno) fica expostas as tempestades.

A grande problemática da história se desenvolve por meio da paixão entre Heathcliff e sua irmã adotiva, Catherine. A moça, para não estragar sua reputação e status social cansando-se com o irmão adotivo, resolve aceitar o pedido de casamento de Edgar Linton. Heathcliff, inconformado, deixa a casa dos Earnshaw e passa muito tempo sem dar notícias, quando volta, está completamente transformado em um belo e rico cavalheiro cheio de mágoas. Catherine é novamente atormentada pela antiga paixão. Apesar de gostar do marido, ela nunca esqueceu Heathcliff. O triângulo amoroso termina quando Catherine morre ao dar à luz à sua primeira filha. Heathcliff, muito abalado com a morte da amada, jura vingança a todos que foram obstáculo para o relacionamento dos dois.

Tudo isso está relacionado ao que acontece mais tarde, quando Catherine se lembra de sua infância, e em sua memória se aprende o que realmente aconteceu nos pântanos. Essa é uma lembrança que ela tem reprimido por causa da conexão que tem com Heathcliff. Quando Catherine descreve a si mesma e a Heathcliff sendo ensinados por Joseph, eles jogam fora os livros deles. Isso poderia significar que, quando criança, Catherine não estava tão interessada na palavra escrita como é mais tarde quando está com Edgar.

A relação de Catherine com os irmãos Edgar Linton e Isabela, moradores da Granja de Tordos, pode lhe causar uma negação entre os dois mundos, um sentimento irracional por Heathcliff a revela desejo ardente pelo retorno da natureza. E o encanto pelos prazeres da natureza civilizada influenciada pelos Lintons. Uma vez que Catherine escolhe ficar com Edgar Linton casando-se com ele, ela abre mão de Heathcliff que vai embora por 3 anos.

Mais tarde com o retorno de Heathcliff, e o casamento dele com Isabela, Catherine percebe que nunca o esqueceu, e que gostaria de voltar a sua vida antiga em O morro dos ventos uivantes, ela cai doente, ela disse a Nelly a governanta: "Estou queimando! Quem me dera ser lá fora! Eu gostaria de ser uma garota novamente, meio selvagem e resistente e livre" Nesse trecho fica claro que ela ansiava de fato, não apenas a vida da infância, mas ficar mais próxima da natureza e mais fiel a si mesma. A luta entre racionalidade e irracionalidade realmente encurtou sua vida e a fez morrer em uma idade tão jovem.

Heathcliff destrói Hindley, fica com as posses da família e trata o filho de seu rival, Hareton, como um serviçal, da mesma forma como Hindley o tratava. Ele também tem um filho com Isabela, a irmã de Linton, que se chama Linton Heathcliff. Mais tarde, ele obriga a jovem Cathy, filha de Catherine a se casar com seu filho Linton, contra a vontade da moça. Depois do falecimento de Linton, Cathy casa-se com Hareton, o filho de Hindley, por quem era apaixonada. Heathcliff tem uma febre e, antes de morrer, pede pra ser enterrado ao lado do túmulo da Catherine; chegando finalmente ao desfecho da história.

Como dito antes, o romance é narrado em 1º pessoa, pelo personagem Sr. Loockwood morador da Granja de Tordos, um ponto relevante desse personagem é que ele não faz ideia do que está acontecendo na família de Heathcliff. Depois que ele presencia o aparecimento do fantasma Catherine, ele fica assustado e confuso, e, assim, desperta o interesse em saber mais informações sobre essa família com a governanta Nelly, ela portanto passa a relatar todos os fatos que se passa na casa das famílias Earnshaw e Lintons.

### **4.3 Catherine e a Natureza no Romantismo Inglês**

Catherine Earnshaw é apresentada por Emily Brontë, como uma heroína central de *O Morro dos Ventos Uivantes*. A aparição do fantasma, a atmosfera sombria, confirma que é Catherine, revelada por uma súbita vontade de retornar a vida, que vem por meio da natureza, como ventos uivantes, e como tempestades. Mas Catherine é um fantasma benevolente, apesar de assustador. Ademais as suas aparições além de demonstrar a sua inquietude pelo insano desejo de viver é também a única forma que a trás para mais perto de quem ama. A figura do fantasma traz uma reflexão à narrativa, desejos reprimidos incorporados nos elementos sobrenaturais góticos e estabelecem a atmosfera escura e brumosa presente ao longo do romance.

Após a morte precoce de seu pai, ela se torna incapaz de se proteger contra os perigos aos quais uma garota é exposta, e essa falta de proteção contra o mundo exterior à deixa mais

selvagem e, por causa disso, ela passa a se aproximar de Heathcliff. Essa aproximação os leva a se afastar pela manhã nas charneças, onde permaneciam durante todo o dia, e mais tarde o castigo era visto como diversão por eles.

[...] Uma das brincadeiras preferidas dos garotos era escaparem-se para a charneca de manhãzinha, onde permaneciam durante todo o dia. E, no final, o castigo passou também a ser encarado como mais, uma brincadeira; o cura bem podia obrigar Catherine a decorar todos os capítulos da Bíblia; Joseph bem podia bater em Heathcliff até lhe doer o braço; no fim, bastava juntarem-se de novo para voltarem a esquecer tudo, enquanto engendravam novo plano de vingança. (BRONTË, 1994, p.50)

Na Inglaterra do século XIX, uma garota deveria se comportar de acordo com as regras estabelecidas pela sociedade. Por outro lado, Catherine passa a compreender que a liberdade não negligencia a natureza de uma dama. Ela entende que sua relação deve basear-se no respeito à moral e aos costumes da época. Essa afirmação é exemplificada na passagem em Catherine e Heathcliff vão espionar os moradores da Granja, eles acabam sendo vistos e apanhados.

Porém, quando viu o que o cão estava a agarrar, mudou logo de tom. O cão foi afastado violentamente pela trela, quase ficando esganado: a sua grande língua rosada pendia-lhe da boca e, dos beiços, pingava uma mistura de baba e sangue. O homem pegou na Cathy, que, entretanto, perdera os sentidos, não do medo, mas da dor. Levou-a para dentro de casa. Eu fui atrás dele, gritando tudo o que me vinha à cabeça de insultos e ameaças. (BRONTË, 1994, p.53)

No primeiro momento em que Catherine é identificada como a jovem que mora no Morro dos Ventos Uivantes, os donos do local a acolhem e cuidam dos seus ferimentos, enquanto isso, Heathcliff é enviado de volta para sua casa. Catherine, passa cinco semanas na Granja e, quando finalmente retorna, está muito mudada:

[...] De tal forma que, certo dia, em vez daquela criança selvagem e livre em constante correria pela casa, sempre pronta a abraçar-nos, surgiu digníssima e elegante, montada num belo potro negro, com os seus lindos caracóis castanhos pendendo soltos sob um chapéu de caça, e um traje de montar, tão comprido que tinha de o erguer com as mãos para não o pisar. (BRONTË, 1994, p.55)

Se por um lado a imagem da moça selvagem que não liga para aparência é algo julgado pelo meio social em que vive; por outro, vemos uma transformação em uma dama da sociedade, com roupas finas, que desperta nela o interesse pela riqueza, e pela manutenção de sua posição social. Entretanto, essa transformação estremece a relação com Heathcliff, ele se sente apreensível e desconfortável por não estar mais à altura dela, ainda mais que Catherine está habituada com Edgar e Isabella Linton e naturalmente ela queira impressioná-los.



Embora ela estimasse a amizade com Heathcliff, era notória a desigualdade de classes entre ele e Edgar. Um sem doutrina, com natureza selvagem; e o outro, cavalheiro e culto.

Assim, Catherine está vivendo duas realidades distintas; a relação afetuosa com o jovem selvagem Heathcliff, e os benefícios proporcionados pelo status social dos Linton. Catherine acredita que casar-se com Edgar Linton seja a alternativa mais sensata no momento, visto que para sociedade vitoriana o casamento é tido como um negócio e não compromisso final de um romance. Esse dilema origina um dos mais famosos trechos do livro, quando Catherine diz a Nelly que aceitou a proposta de casamento de Linton e explica por que ela não poderia estar com Heathcliff:

Este sonho explica o meu segredo tão bem como o outro: sou tão feita para ir para o Céu, como para casar com o Edgar Linton; e se esse monstro que está lá dentro não tivesse feito o Heathcliff descer tão baixo, eu nem teria pensado nisto: seria degradante para mim casar-me agora com Heathcliff; por isso, ele nunca saberá como eu o amo; e não é por ele ser bonito, Nelly, mas por ser mais parecido comigo do que eu própria. Seja qual for a matéria de que as nossas almas são feitas, a minha e a dele são iguais, e a do Linton é tão diferente delas como um raio de lua de um relâmpago, ou a geada do fogo. Antes de o discurso terminar, apercebi-me da presença de Heathcliff. Pressentindo um ligeiro movimento, olhei para trás e vi-o levantar-se do banco e esgueirar-se sorrateiro. Estivera a escutar toda a nossa conversa até ao momento em que Catherine disse que seria degradante para ela casar com ele, e, depois, não quisera ouvir mais nada. (BRONTË, 1994, p.83)

A natureza humana de Catherine é revelada nessa passagem, ela declara que ama Heathcliff, mas não pode casar-se com ele, porque seu irmão fez dele um ser degradante. Mas também afirma a fragilidade da natureza em face da civilização, pois seu interesse pelo mundo de Thrushcross Grange a faz trair a própria natureza que é sua essência. Heathcliff ouve a conversa. Portanto, esse momento foi definitivamente o ápice para ele, que acabou resultando no seu desaparecimento por três anos do Morro dos Ventos Uivantes, pois vai embora sem ouvir ela dizer que o ama, a confissão é explícita no trecho a seguir ; “ele sempre estará no meu pensamento, como parte mim mesma, eu \*sou\* Heathcliff.” Brontë, tem o cuidado em demonstrar através de Catherine e obviamente os fatos que giram em torno dela, os elementos da natureza. Isso está destacado no fragmento que leva ao principal dilema de Catherine no romance: Heathcliff ou Linton? Ela ama os dois de maneiras diferentes.

O meu amor pelo Linton é: Atleta grego que, ao tentar rachar uma árvore ao meio, ficou nela entalado, tendo sido devorado pelos lobos. como a folhagem dos bosques: transformar-se-á com o tempo, sei-o bem, como as árvores se transformam com o Inverno. Mas o meu amor por Heathcliff é como as penedias que nos sustentam: podem não ser um deleite para os olhos, mas são imprescindíveis. Nelly, eu \*sou\* o Heathcliff. Ele está sempre, sempre, no meu pensamento. Não por prazer, tal como eu não sou um prazer para mim própria, mas como parte de mim mesma, como eu própria. (BRONTË, 1994, p.84)

Catherine passa a noite inteira ao ar livre e sob uma forte tempestade, ela aguarda pelo retorno de Heathcliff. Contudo, o temporal indica que ele não vai voltar, ressaltando novamente a presença da natureza e o elo com os eventos que envolve os dois personagens.

[...] As rajadas de vento eram violentas, tal como os trovões, e, ou uns ou outros, racharam uma árvore de alto a baixo numa das esquinas da casa; um ramo de grande envergadura foi parar acima do telhado e derrubou uma parte da chaminé do lado oriental, atirando uma chuva de pedras e fuligem para a lareira. (BRONTË, 1994, p.87)

A ilusão de Catherine pelo mundo civilizado de Thushcross Grange, o casamento com Edgar que posteriormente ocasionou na partida de Heathcliff, o que deixa Catherine emocionalmente abalada, seu estado deprimido e fragilizado, pode dar início ao seu colapso mental.

Tais considerações podem ser retiradas a partir da exclamação de Nelly de que ela poderia estar ficando louca “Julguei que ela estava a ficar louca” (Brontë, 1994, p. 90). Embora o humor de Catherine seja momentaneamente elevado após o retorno de Heathcliff ao Morro dos Ventos Uivantes, nota-se que sua saúde física e mental é enfraquecida pela deterioração da natureza civilizada, assim Catherine atinge um estágio de conversa solitária incoerente para impetuosos momentos de descontrole.

Momentos antes estava violenta. Agora, apoiada num dos braços e sem estar lembrada de que eu a contrariara, parecia divertir-se como uma criança a tirar as penas pelos rasgões do travesseiro, alinhando-as no lençol segundo as suas diferentes espécies. A sua mente já não se encontrava ali. --Esta é de peru --disse, falando sozinha --e esta de pato selvagem; e esta de pomba. Ah, com que então põem penas de pomba nos travesseiros; não admira que eu não consiga morrer! [...] (BRONTË, 1994, p.122)

Com a sanidade mental abalada, Catherine se recorda do passado e vivido desejos de retornar a infância, que expressa a necessidade do ar livre dos pântanos, acreditando que eles têm o poder de cura de que precisa para se sentir bem novamente. Brontë, enfatiza a natureza como fundamental para sua personagem, no trecho marcado pelo desejo de Catherine que comenta com Nelly que queria está “Ao ar livre. Quem me dera ser de novo aquela criança meio selvagem, audaciosa e livre...” (BRONTË, 1994, p.125) Catherine estava muito doente esses era o segundo ataque que propiciou no seu colapso mental. Heathcliff foge e depois casa-se com irmã de Edgar Linton por vingança. Ao retornar ao Morro dos Ventos Uivantes ele descobre que Catherine está doente. Ele resolve vê-la, e os dois tiveram um belíssimo encontro,

Durante mais de cinco minutos não falou nem afrouxou o abraço, e atrevo-me a dizer que aproveitou esse tempo para lhe dar mais beijos do que jamais lhe dera em toda a sua vida. No entanto, foi a minha patroa quem o beijou primeiro, e era evidente que enfrentar o olhar dela era para ele uma agonia. Desde o primeiro momento em que a vi, ficou convicto, tal como eu, de que não havia qualquer esperança de recuperação e de que ela estava condenada à morte. (BRONTË, 1994, p.153)

No leito de morte de Catherine, o confinamento da natureza dentro dos muros da civilizada *Thurshcross Grange* é afirmado em seu desejo de libertar-se da “prisão despedaçada” que seu corpo se tornou ela diz que “Edgar e Heathcliff destroçaram o seu coração” e continua com “lamentar-se ambos junto como se fossem as vítimas! Não terei compaixão de vós! Não eu, a quem os dois deram a morte.” (Brontë, 1994, p.157). Com a morte de Catherine, Brontë afirma que, a natureza deve ser confinada às restrições da civilização, ela não pode deixar de perecer. Com a traição de Catherine à sua própria natureza, ao tentar pertencer à cultura civilizada, sua natureza inata é o que a derrota e, ao longo da história, ela continua a existir apenas como um espectro: uma imagem do que a natureza era antes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia parte da análise dos seguintes temas: o feminino e a natureza em *O Morro do Ventos Uivantes* (*Wuthering Heights*), de Emily Brontë. A intenção desta pesquisa é transmitir o papel desenvolvido pela personagem Catherine e sua relação com a natureza e demais personagens como Heathcliff. Inicialmente, apresentamos teorias românticas de autores ingleses que falaram sobre esse assunto. Em seguida, expusemos a trajetória de vida da mulher e autora Emile Brontë na era vitoriana, destacando as questões em torno da escritora e suas irmãs, muitas vezes associadas aos dilemas que as mulheres comuns enfrentavam em suas vidas diárias.

Com base nos estudos feitos a partir desse trabalho, percebe-se que os românticos tinham a preocupação de historicizar e promover a conexão da natureza ao mundo humano natural. Brontë propoe fomentar e expor esses elementos da natureza em *O Morro dos Ventos Uivantes*, ela retrata evidencias desta ligação da sociedade e o ambiente natural em todo o romance e, sobretudo na personagem Catherine. É importante ressaltar a relação do gótico e natureza na narrativa, nesse aspecto a personagem morre e retorna inserida na natureza com corpo e voz e expressando os mais diversos estados da alma.

Os ingleses tinham essa preocupação de enfatizar a experiência solitária do sublime natural, usaram cenários da natureza para dar vida aos seus romances. Essa linguagem da Natureza era para eles a expressão do conceito segundo o qual o ser mais humanizado era aquele que vivia em harmonia com a natureza, um campo para a imaginação com temas relacionados à morte, exótico, fantástico, felicidade e infelicidade no amor, natureza protetora, natureza destruidora.

Desse modo, Brontë aponta que a irracionalidade e a alma selvagem de Catherine reverberam na natureza, gerando assim fenômenos naturais como chuvas e tempestades. Catherine deturpa a ideia convencional de que toda heroína deve ser frágil, sofredora e sentimental. Embora ela tenha tido influência de Heathcliff quando criança para viver uma vida selvagem sem restrições e medos, ela, portanto mostra mais tarde que sua força e coragem são provenientes de seu ambiente e natureza, essa é uma boa razão para se reflexão de que Catherine é o oposto da mulher que se espera de uma sociedade patriarcal.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Alexandre de Melo. “Aspectos da natureza no Romantismo: um recorte crítico”. **A palo seco**: escritos de filosofia e literatura. Ano 8, n.8, 2016, p. 39-46. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/6317>. Acesso em: 28 out 2019.
- BARKER, J. The Brontës. **Wild Genius on the Moors: The Story of a Literary Family**. New York: Pegasus Books, 2013.
- BORNHEIM, G. **Filosofia do romantismo**. In: GUINSBURG, J. (Ed.). **O romantismo**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, p.75-111, 1985.
- BRADLEY, Beatty; LONG, Perkins. **The American tradition in literature**. New York: Norton, 1976.
- BURGESS, Anthony. **English Literature**. London: Longman, 1975.
- CAMPANA, Crislaine Aline. **A irmã silenciosa**: Anne Brontë e a escrita de autoria feminina na Inglaterra do início do século XIX. Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Monografia, 122f. 2017.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**: v. 5: O romantismo. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987,
- CLARK, Timothy. **The Cambridge Introduction to Literature and the Environment**. New York: Printed In The United Kingdom At The University Press, 2011.
- DAY, Aidan. **Romanticism**. London: New Fetter Lane, 1996.
- GUINSBURG, Jacó. (org.) **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HEATH, Duncan; BOREHAM, Judy. **Introducing Romanticism**. London: Icon Books, 2002.
- HIRAYAMA, Isabela. **A Natureza e a Cultura em Wuthering Heights, de Emily Brontë**. 2012. 53 f. Tese (Doutorado) Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- MAYO, Robert (1954) ‘**The Contemporaneity of the Lyrical Ballads**’, **Publications of the Modern Language Association of America**, 69, 1954, pp.486-522.
- MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. In: **Fragmentos**, volume 8 nº 1, p. 61/71 Florianópolis/ jul - dez/ 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/6038>>. Acesso em:14 out 2019.
- OLIVEIRA, Vinícius Domingos de. **Entre e vá para o diacho: O Morro dos Ventos Uivantes** enquanto obra dialética. Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo. Dissertação, 113f. 2017. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-30052018-115739/pt-br.php>>. Acesso em: 20 out 2019.
- PAZ, O. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 2001.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **The Social Contract**, translated by Maurice Cranston, London: Penguin Books, 1968.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2005.

WELLEK, René (1949) ‘**The Concept of “Romanticism” in Literary History: I. The Term “Romantic” and Its Derivatives**’, *Comparative Literature*, vol. 1, no. 1 (Winter 1949), pp. 1–23; ‘II. The Unity of European Romanticism’, *Comparative Literature*, vol. 1, no. 2 (Spring 1949), pp. 147–72.

WORDSWORTH, Jonathan, Abrams, M.H. and Gill, Stephen (eds) (1979) William wordsworth. ‘**The Prelude**’ 1799, 1805, 1850, New York and London, W.W. Norton and Co.

YUKARI Oda , «Emily Brontë e o gótico: personagens femininas em *O Morro dos Ventos Uivantes* », *revista eletrônica LISA / LISA Revue* [Online], Escritores, escritos, Os Brontës e a idéia de influência (dossiê de Elise Ouvrard), documento 1, Online desde 09 de março de 2010, conexão em 04 de novembro de 2019. URL: <http://journals.openedition.org/lisa/349>